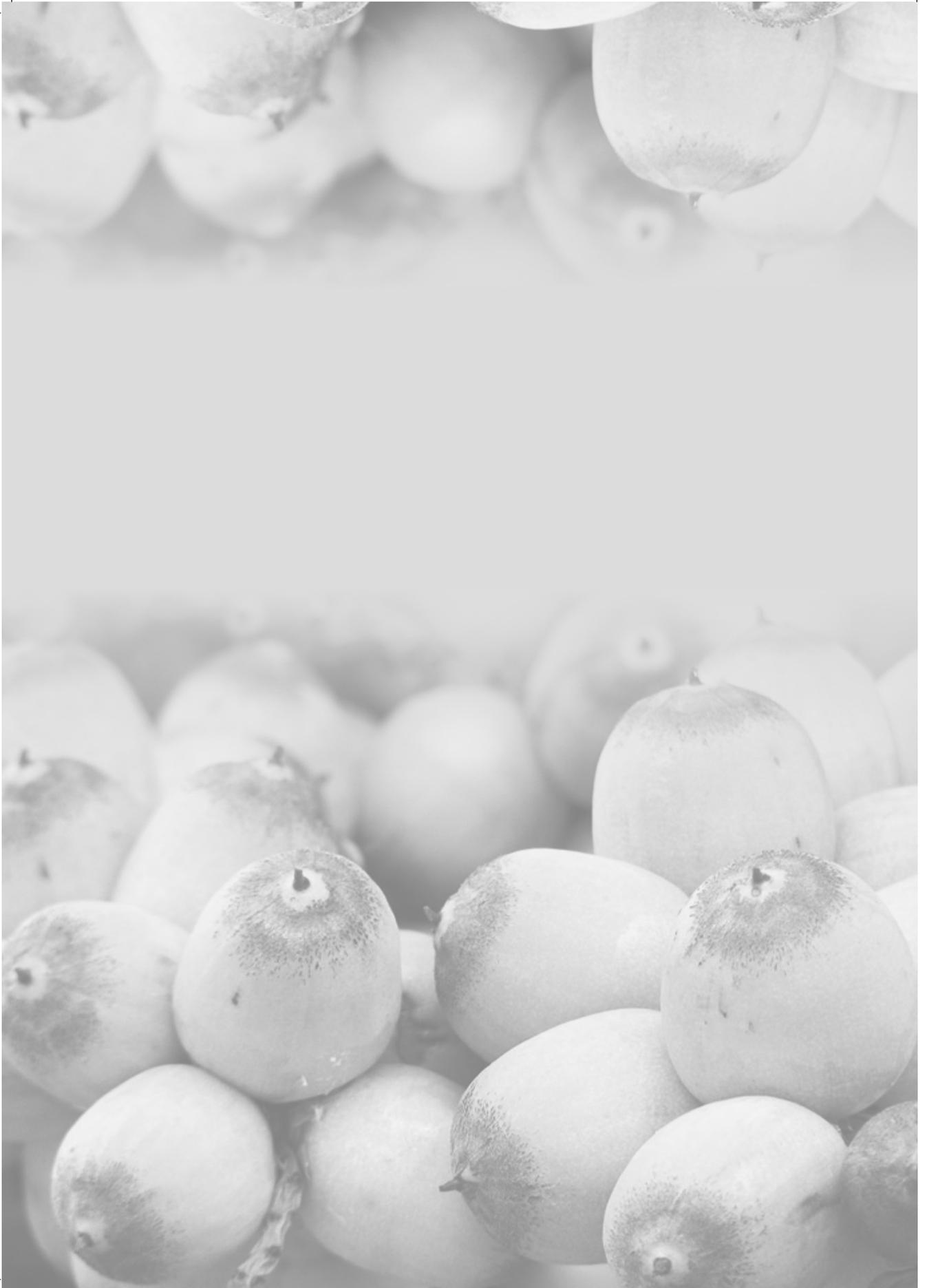


OURICURI: ETNOECOLOGIA E RELIGIOSIDADE NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO

Ulysses Gomes Cortez Lopes¹ e Flavia de Barros Prado Moura²

¹ Mestrando em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental –
UNEB, Campus VIII, Paulo Afonso, BA; Universidade Federal
de Alagoas; Especialista em Recursos Hídricos – UFSC.
E-mail: ulysses.crtz@gmail.com

² Universidade Federal de Alagoas – Centro de Ciências Biológicas
e da Saúde; docente do Mestrado em Ecologia Humana e Gestão
Socioambiental – UNEB, Campus VIII, Paulo Afonso, BA.



RESUMO

Este trabalho tem como objetivo descrever, através de uma revisão de literatura, os multíusos da palmeira Ouricuri (*Syagrus coronata* (Martius) Beccari) pelas populações humanas do Semiárido brasileiro. A planta apresenta relevante importância ecológica, social e econômica para as populações locais, pois seus frutos e sementes são comestíveis e fazem parte da dieta de animais silvestres e de grupos humanos. Além disso, povos indígenas e comunidades tradicionais atribuem e compartilham ritos e crenças às populações dessa espécie, considerando-as “floresta de espíritos,” ou “mata do encanto”. Comunidades humanas do Nordeste brasileiro usam a palmeira Ouricuri nos diversos campos interdisciplinares, apropriando-se intelectual e materialmente dos recursos naturais da região. Entre outros aspectos deste estudo ressaltou-se a narrativa por parte de alguns autores sobre o enquadramento da espécie como “em risco”, pelo alto extrativismo.

Palavras-chave: Palmeira ouricuri. Etnoecologia. Meio natural. Comunidades humanas

ABSTRACT

This work aims to describe, through a review of literature, Palm tree Ouricuri multi-use (*Syagrus coronata* (Martius) Beccari) by human populations of Brazilian semi-arid. The plan presents relevant ecological importance, social and economical for the local population, because its fruits and seeds are edible part of the diet of wild animals and human groups. In addition, indigenous peoples and traditional communities attach and share rites and beliefs on populations of that species, considering the “forest of spirits,” or “charm forest”. Human communities of northeast of Brazil use Palm Ouricuri in the various interdisciplinary fields, grabbing – If intellectu l and materia l men t and natural resources of the region.inter alia this study highlight the narrative by some authors on the framework of the species as “at risk” by high extraction.

Keywords: Palm ouricuri. Ethnoecology. Wild. Human communities.

1 INTRODUÇÃO

Populações humanas ao longo de sua história têm usado recursos naturais para subsistência e como matéria-prima para o desenvolvimento de hábitos e cultura local. Dessa forma podem influenciar na distribuição e seleção de espécies de animais e plantas. As palmeiras destacam-se tanto pelo recurso natural e econômico que representam às populações humanas, como pelo seu papel ecológico nas formações vegetais onde ocorrem (PERES, 1994). Essa influência mútua homem-ambiente está estrategicamente associada ao etnoconhecimento, incluindo saberes, relações, cultura, conhecimento e manejo dos recursos naturais (TOLEDO, 1986; BERLIN, 1992; DIEGUES, 1996; NAZAREA, 1999). Nesta visão, considere-se também observar às comunidades humanas, a atribuição a natureza e mais especificamente a algumas espécies animais ou vegetais um caráter curativo, de sustentação, de tradição e de religiosidade.

Syagrus coronata (MARTIUS) Beccari, conhecida no Semiárido nordestino como licuri ou ouricuri, é uma palmeira de grande importância ecológica, social e econômica para as populações locais. Está adaptada às regiões secas e áridas do bioma Caatinga, desenvolvendo-se sobre cascalho e areia. Suporta bem secas prolongadas.

Os frutos e sementes de *S. coronata* são parte da dieta de animais silvestres e do homem e as palhas são usadas para confecção de chapéus, bolsas e outros objetos de arte. Além disso, o ouricuri possui importância mística uma vez que povos indígenas e comunidades tradicionais atribuem, compartilham e associam aos seus ritos e crenças às populações desta espécie. De acordo com Mota (2007), povos indígenas de localidades nordestinas consideram-nas “floresta de espíritos” ou “mata do encanto”, onde realizam seus rituais, cujo caráter é mágico-religioso (WARAKIDZA).

Neste artigo descreve-se sobre a palmeira ouricuri, abordando entre outros aspectos a sua utilização cultural. Assim, pela representatividade da espécie,

pretende-se mostrar que as comunidades humanas do Semiárido brasileiro, poderão contribuir para preservar a espécie *Syagrus coronata* em seu contexto ecossistêmico, mediante a apropriação de seus recursos de forma sustentável.

2 METODOLOGIA

Os dados apresentados no presente estudo foram obtidos a partir de levantamentos bibliográficos, o que caracteriza a pesquisa como de natureza descritiva com métodos qualitativos. Para tal foram consultados livros, artigos científicos, revistas, publicações *online*, jornais, ONGs, instituições federais, dentre outros, no período de janeiro a outubro de 2010.

3 SYAGRUS CORONATA (MARTIUS) BECCARI: CARACTERÍSTICAS BOTÂNICAS E ECOLÓGICAS DA ESPÉCIE

Syagrus coronata pertence à família Arecaceae, constituindo-se única representante da Ordem das Arecales (LORENZI et al., 2004). É uma espécie de palmeira com raízes profundas e vida longa (Figura 1), que apresenta uma clara preferência pelas terras secas e áridas das caatingas. É considerada uma das mais importantes espécies de palmeiras da região semiárida do Nordeste brasileiro.



Figura 1 – *Syagrus coronata* (Mart.) Becc. (Ouricuri)
Fonte: Foto de Ulysses Cortez.

A espécie foi inicialmente descrita por Martius em 1826, tendo como basinônimo *Cocos coronata* Martius. Posteriormente, em 1900, passou a ser classificada como *Cocos quinquefaria* Barbosa Rodrigues e, em 1910, como *Glaziova treubiana* Beccari; em 1916, como *Syagrus quinquefaria* (Barbosa Rodrigues) Beccari e também como *Syagrus treubiana* (BECCARI) Beccar. Neste mesmo ano, finalmente, Beccari fez nova combinação, inserindo-a no gênero *Syagrus*, designando-a *Syagrus coronata* (Mart.) Becc. (MEDEIROS-COSTA, 1982), cujo epíteto refere-se à característica disposição das folhas em forma de coroa.

O ouricuri se caracteriza por apresentar porte mediano, atingindo cerca de dez metros de altura e 25 cm de diâmetro à altura do peito, sempre apresentando estipe único (ROCHA, 2009). As folhas de coloração verde clara atingem comprimento de até três metros, e se distribuem sempre em cinco fileiras arranjadas comumente

numa sequência de espiral ao longo do estipe; são pinadas e as pinas se dispõem em vários planos. A porção superior do estipe se apresenta recoberta pela base persistente das bainhas das folhas mais velhas (MEDEIROS-COSTA, 1982; LORENZI et al., 2004).

Conforme Medeiros-Costa (1982), as características mais práticas que permitem a sua diferenciação das outras palmeiras do gênero *Syagrus* que apresentam porte e estruturas morfológicas semelhantes são, especificamente, a disposição das folhas unicamente em cinco fileiras, usualmente de forma espirada ao longo do estipe, e a presença de projeções fibrosas semelhantes a espinhos nas margens do pecíolo foliar.

Os estudos já realizados com *Syagrus coronata* revelam sua importância ecológica por se constituir parte da dieta de animais domésticos e silvestres (RAMALHO, 2008).

Ressalte-se o excepcional desempenho da espécie nas associações com outras angiospermas, tais como **Bromeliáceas, Orquidáceas, Cactáceas, além de outras famílias vegetais. Estas associações também foram registradas por Duque (2004), com as espécies: icó, mandacaru, facheiro e palma forrageira (Figura 2).**



Figura 2 – Plantas de áreas degradadas da caatinga alagoana utilizadas por *Syagrus coronata* como substrato de fixação.

Fonte: Foto de Ulysses Cortez.

Essa palmeira representa fonte de recursos para a fauna nativa, tendo em vista que é uma espécie capaz de produzir continuamente recursos ao longo do ano, ainda que em períodos de seca (BONDAR, 1938). Essa condição concorre para que possa ser considerada uma espécie-chave no bioma Caatinga. Nota-se a singularidade dessa palmeira para a manutenção e crescimento da população nativa da ave *Anodorhynchus leari* (BONAPARTE, 1856) a arara-azul-de-lear, haja vista que os seus frutos são considerados os principais componentes de sua dieta (SANTOS-NETO; CAMANDAROBA, 2008).

4 MULTIUSOS E IMPORTÂNCIA SOCIOECONÔMICA

A palmeira ouricuri apresenta grande importância socioeconômica nas áreas de ocorrência natural, especialmente naquelas situadas em regiões semi-áridas, vez que desta planta podem ser aproveitados praticamente todos os seus componentes (LOPES, 2007; RAMALHO, 2008).

A espécie também é colossal no que se refere às denominações populares ou vulgares pelas quais é regionalmente conhecida. De acordo com Drumond (2007), a palmeira possui as seguintes denominações populares: licuri, licurizeiro, ouricuri, aricuri, alicuri, nicuri, dicorí, urucuri, coqueiro dicori e coqueiro cabeçudo. Além desses, conforme a literatura especializada ainda possui as seguintes denominações: adicuri, aracui, aracuri, aribury, aricui, ariri, aruuri, butiaseiro, butua, coco-cabecudo, coqueiro-dicori, dicuri, iricuri, nicori, nicury, uricurti, uriricuri, ururucuri. Constitui-se numa espécie nativa de grande importância social e econômica e de salutar importância ecológica nas áreas de ocorrência (NOBLICK, 1986). A seguir são apresentados alguns exemplos de usos dos recursos oriundos da espécie.

MULTIUSOS	CITAÇÕES
O consumo <i>in natura</i> das amêndoas dos frutos pelas populações humanas	(SONDAR, 1938)
O beneficiamento das amêndoas para a fabricação de cocadas, óleo e leite de licuri etc.	(SONDAR, 1938)
O emprego das suas folhas para a confecção de sacolas, chapéus, espanadores etc.	(SONDAR, 1942; MEDEIROS-COSTA, 1982);
A utilização das folhas como cobertura dos casebres	(NOBLICK, 1986)
A produção de artefatos artesanais, como chapéus, esteiras e abanos	(MEDEIROS-COSTA, 1982)
O beneficiamento das amêndoas para a produção de doces, sorvetes e extração do óleo e do leite para fins culinários	(NOBLICK, 1986)
O arraçoamento do gado em períodos de seca a partir de folhas trituradas, frutos e inflorescências; por conseguinte, é considerada pelos criadores de gado uma espécie forrageira de reserva para os períodos de estiagem severa comuns no Semiárido nordestino	(SONDAR, 1938) (HART, 1995)

A extração de óleo das amêndoas para empregar na fabricação de saponáceos, considerados de alta qualidade, sendo o melhor óleo para a produção de sabão	(NOBLICK, 1986; SANTOS; SANTOS, 2002)
O uso como alimento de uma larva conhecida como lagarta-do-coco (<i>Pachymerus nucleorum</i> , Bruchidae) que se desenvolve no interior dos frutos já caídos e na Bahia é comida crua, junto com a “carne” do coco ou frita em seu próprio óleo, acompanhada de farinha de mandioca	(COSTA-NETO, 2004)
O uso medicinal da lagarta-do-coco que se desenvolve no fruto do ouricuri, para tirar manchas da pele decorrentes de feridas cicatrizadas	(RUFINO, 2008)
O uso da água do coco (endosperma) como colírio para tratamento de inflamação ocular, micoses (pano preto e pano branco) e cicatrização de feridas	(RUFINO, 2008)
A utilização do chá da raiz do ouricuri é indicada para o tratamento de dores na coluna vertebral	(RUFINO, 2008)
A utilização do endocarpo na fabricação de artesanato regional	(LORENZI et al., 2004)
O emprego da palmeira para fins ornamentais decorrente do aspecto característico de distribuição das folhas em volta do estipe	(LORENZI et al., 2004)
O uso do óleo para fins cosméticos e industriais, a exemplo da potencial utilização do óleo para a produção de biodiesel	(DRUMOND, 2007)
A raspagem das folhas para a produção de cera que é empregada na fabricação de papel carbono, graxa para sapatos, móveis e pintura de automóveis	(RAMALHO, 2008)

Quadro 1 – Multiusos da palmeira ouricuri

5 EXTRATIVISMO

Considerando-se que as atividades extrativistas desde o início da ocupação do território brasileiro continuamente significaram importante atividade econômica, uma das principais atividades para a economia do Semiárido brasileiro, já foi em maior escala, a atividade extrativista dos recursos advindos do ouricuri.

Essas ações se justificavam tendo em vista que a palmeira ouricuri é uma espécie vegetal cujos recursos são totalmente aproveitáveis. Nesta visão, os ouricurizais nativos sempre foram explorados de forma extrativista. Como consequência deste uso e em decorrência da inexistência de ações voltadas a preservação das populações nativas, verifica-se que essa conjuntura tem convergido para que suas populações nativas estejam sofrendo um forte declínio (KILL, 2002).

Observa-se que, associadas às ações extrativistas, ainda há procedimentos que aceleram o risco das populações nativas da palmeira, como por exemplo, a adoção de práticas agropecuárias que desrespeitam os preceitos de conservação do meio natural, especialmente as queimadas, a supressão indiscriminada de vegetação nativa e, notadamente, o sobrepastoreio de gado que tem dificultado em muitas áreas a regeneração natural de suas populações nativas (HART, 1995).

Destarte, há registros de extrativismo predatório em virtude do uso em demasia de recursos da palmeira ouricuri, mais especificamente, na confecção de objetos artesanais.

De acordo com Silva et al. (2004), na cidade de Águas Belas e nos municípios vizinhos, na região do Semiárido pernambucano, a palmeira já está praticamente desaparecida. Conforme Rufino et al. (2008), este fato deve-se ao uso intensivo da espécie para fins artesanais, tradicionalmente praticados pelo povo Fulni-ô. De acordo com registros obtidos junto ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, através do Programa “Levantamento da Situação das Comunidades Quilombolas da Bahia”, há comunidades remanescentes de quilombolas no Semiárido que sobrevive da atividade extrativista do ouricuri. No entanto, também há relatos de privação dessas comunidades às áreas tradicionalmente ocupadas por essas palmeiras, atualmente em mãos dos fazendeiros, prejudicando as atividades de extrativismo, especialmente da palha do ouricuri.

6 OURICURI: ASSOCIAÇÕES À PALMEIRA COM CARÁTER MÍSTICO RELIGIOSO

Para possibilitar o entendimento do uso ritual de espécies biológicas, sejam elas animais ou vegetais, pelas sociedades humanas autóctones, se faz necessário concebê-las por meio de uma abordagem interdisciplinar, que possibilita admitir que essas manifestações ocorram sob aspectos cosmológicos, quais sejam: os tabus, as crenças, os ritos espirituais, os cerimoniais, as vestimentas, os adornos, os artesanatos, as danças, as músicas, as relações de parentesco, a organização social, econômica e política, bem como diversos conhecimentos tradicionais associados ao uso dos recursos naturais, enfim, à forma de valorizar e conviver com a natureza (Figura 3).



Figura 3 – (A) Povo Koiupanká (Inhapi-AL, Ritual dos Praias); (B) Povos indígenas do Semiárido (Ritual Toré); (C) Iniciação de crianças Koiupanká (Ritual Toré)

Fonte: Conselho Indigenista Missionário (CIMI) – Regional Nordeste-NE.

Neste contexto, salienta-se a apropriação da palmeira ouricuri por parte de algumas etnias indígenas como elemento de sistemas rituais, revestidos de profundo teor religioso (Figura 3), a saber: o povo Kariri-Xocó celebra o ritual do ouricuri com a intenção de retomarem sua identidade, suas raízes ancestrais (MOTA, 2007). Segundo a autora, trata-se de um complexo de cerimônias mágico-religiosas de enculturação, que no passado se conhecia como “festa da Warakidza”, uma divindade ancestral dos Kariri e que conforme suas crenças, a palmeira denominada ouricuri, representava a incorporação de uma divindade conhecida como Warakidza” (MOTA, 2007).

Assim como o povo Kariri-Xocó, outras etnias do Nordeste brasileiro também praticam o ritual do Ouricuri, apropriando-se da palmeira como símbolo religioso, a exemplo dos Tingui-Boto, e dos Fulni-ô, cujos povos consideram o ritual como um atributo de sua identidade aborígine (QUIRINO, 2006; FERREIRA, 2007).

Alguns povos como os Pankararu e os Koiupanká utilizam no ritual do Praiá e do Toré os recursos da palmeira ouricuri, no caso, suas folhas ou a palha, como é dita pelas comunidades indígenas. No caso desses rituais, todo o processo místico já é iniciado bem antes da confecção da vestimenta:

[...] o zelador do encantado, que passará a ser também um “Pai de Praiá”, deve confeccionar ou contratar a confecção, por um dos poucos artesãos especializados na aldeia, da roupa e da máscara de palha de ouricuri que servem para encobrir a personalidade do dançador e que é, quando vestida sob determinadas prescrições, a materialização do próprio encantado. O Praiá é a conjunção em ato, do Encantado, do Dançador, da Roupa e da Máscara confeccionadas da palmeira ouricuri ou da fibra da bromeliácea croá ou caruá, devidamente consagrada pelo zelador (ARRUTTI, 2005, p. 3).

Etnia	Ritual	Representatividade	Citação
Kariri-Xocó	Ritual do Ouricuri	Incorporação de divindade	(MOTA, 2007)
Tingui Botó	Ritual do Ouricuri e do Toré	Atributo de identidade aborígine	(FERREIRA, 2007; QUIRINO, 2006).
Fulni-ô	Ritual do Ouricuri e do Toré	Atributo de identidade aborígine	(QUIRINO, 2006)
Pankararu	Ritual dos Praiás e do Toré	Materialização de ser espiritual (Encantado)	(ARRUTI, 2005)
Koiupanká	Ritual dos Praiás e do Toré	Materialização de ser espiritual (Encantado)	(VIEIRA, 2010)
Karuazú	Ritual dos Praiás	Obediência aos Encantados e Êxtase espiritual	(VIEIRA, 2010)

Quadro 2 – Apropriação do ouricuri como elemento místico

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De um modo geral, observou-se que a palmeira ouricuri apresenta importância ecológica e socioeconômica no Semiárido nordestino.

Quanto às comunidades humanas, elas associam sua representatividade de forma a transcender os campos econômicos e sociais, mesmo reconhecendo-se que estes são especialmente relevantes, chegando às raias do misticismo e da religiosidade. Foi observado que as interações e associações dos grupos humanos com a palmeira ouricuri, decorrem do ato de apreender por parte desses, do saber etno, cujo conhecimento está creditado às suas próprias experiências, absorvidas de seus ancestrais e repassadas às gerações futuras. Já as experiências místicas associadas e vivenciadas junto à espécie, estas são atribuídas à sua representatividade divina por parte daquelas populações.

Com relação à preservação da palmeira estudada, a literatura sugere que o extrativismo é uma prática comum, vivenciada pelas populações locais do

Semiárido brasileiro, onde o uso desordenado dos recursos do ouricuri poderá representar uma ameaça à sua sustentabilidade.

Recomenda-se que os estudos sobre a *Syagrus coronata* (MARTIUS) Beccari sejam intensificados, no sentido de proporcionar um melhor conhecimento da espécie e apontar, em um futuro próximo, estratégias para conservação das populações nativas da palmeira ouricuri e da adoção de estratégias de desenvolvimento sustentável para o Semiárido, com base em produtos de ouricuri.

REFERÊNCIAS

ARRUTI, J. M. O. **Sistema ritual do Toré**. Povos indígenas no Brasil, jul. 2005. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/pankararu/885>>. Acesso em: 24 set. 2010.

BERLIN, B. **Ethnobiological classification**: principles of categorization of plants and animals in traditional societies. Princeton: Princeton University, 1992.

BONDAR, G. **O licurizeiro *Coco coronata* Mart. e suas potencialidades na economia brasileira**. Salvador: Instituto Central de Fomento Econômico da Bahia, p. 18, 1938.

COSTA-NETO, Eraldo Medeiros. Insetos como recursos alimentares nativos no semi-árido do estado da Bahia, Nordeste do Brasil. **Zonas Áridas**, Lima, v. 8, p. 32-39, 2004.

DIEGUES, A. C. S. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, p. 169, 1996.

FERREIRA, Ana Laura Loureiro. **A jurema entre a igreja, dona Irene e a rainha do mar Ferreira**. 2007. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso)

– Instituto de Ciências Sociais, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2007.

HART, J. K. The lear's macaw. In: ABRAMSON, J.; SPEER, B. L.; THOMPSEN, J. B. **The large macaws**. Fort Bragg: Raintree Publications, 19 p. 468-483, 1995.

KILL, L. H. P. **Caatinga**: patrimônio brasileiro ameaçado. 2010. Disponível em: <www.agroline.com.br>. Acesso em: 5 out. 2010.

LOPES, V. S. 2007. **Morfologia e fenologia reprodutiva do ariri (*Syagrus vagans* (Bondar) Hawkes)**: Arecaceae numa área de caatinga do Município de Senhor do Bonfim-BA. 2007. 70 f. Dissertação (Mestrado em Agronomia) – Universidade Federal da Paraíba, Areia, 2007.

LORENZI, H. et al. **Palmeiras brasileiras e exóticas cultivadas**. Nova Odessa: Instituto Plantarum, v.1, p. 416, 2004.

MEDEIROS-COSTA, J. T. **As palmeiras (Palmae) nativas em Pernambuco, Brasil**. 1982. 140 f. Dissertação (Mestrado em Botânica) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 1982.

MOTA, C. N. **Os filhos de jurema na floresta dos espíritos**: ritual e cura entre dois grupos indígenas do Nordeste brasileiro. Tradução: Clarice Novaes da Mota, Marcelo Rangel. Maceió: EDUFAL, 2007.

NAZAREA, V. **Ethnoecology**: situated knowledge/located lives. Tucson: University of Arizona, 1999.

NOBLICK, L. R. *Syagrus*. **The Palm Journal**, Lawrence, v. 126, n. 1, p. 12-46, 1996.

PERES, C. Composition, density, and fruiting phenology of arborescent palms in an Amazonian terra firme forest. **Biotropica**, n. 26, p. 285-294, 1994.

PRIMACK, R. B.; RODRIGUES E. **Biologia da conservação**. 8. ed. Londrina: Planta, 2007.

QUIRINO, E. G. **Memória e cultura: os Fulni-ô afirmando identidade étnica.** 2006. 167 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

RAMALHO, C. I. **Estrutura da vegetação e distribuição espacial do licuri (*Syagrus coronata* (Mart.) Becc.) em dois municípios do centro norte da Bahia, Brasil.** 2008. 131 f. Tese (Doutorado em Agronomia) – Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal da Paraíba, Areia, 2008.

ROCHA, K. M. R. **Biologia reprodutiva da palmeira licuri (*Syagrus coronata*). (Mart.) Becc (Arecaceae) na ecorregião do Raso da Catarina-Bahia.** 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2009.

RUFINO, M. U. L. et al. Conhecimento e uso do licuri (*Syagrus coronata*) e do babaçu (*Orbignya phalerata*) em Buíque, PE, Brasil. **Acta. Bot. Bras.**, São Paulo, v. 22, n. 4, dez. 2008.

SANTOS-NETO, J. R.; CAMANDAROBA, M. Mapeamento dos sítios de alimentação da arara-azul-de-Lear, *Anodorhynchus leari* (Bonaparte, 1856). **Ornithologia**, João Pessoa, v. 3, n. 1, p. 1-17, 2008.

SILVA, J. M. C. et al. **Biodiversidade da Caatinga: áreas e ações prioritárias para conservação.** Brasília: Ministério do Meio Ambiente, p. 382, 2004.

TOLEDO, V. La Eetnobotânica em Latinoamerica: vicitudes, contextos, desafios. In: CONGRESSO LATINO AMERICANO DE BOTÂNICA, Medelín, 1986. **Anais...** Medelín: [s.n.], p. 13-34, 1986.

TOLEDO, V. What is ethnoecology?: origins, scope and implications of a rising discipline. **Etnoecológica**, v. 1, n. 1, p. 5-21, 1992. Anais da 58ª Reunião Anual da SBPC, Florianópolis, SC, jul. 2006.

VIEIRA, J. **Koiupanká e o ritual queimado do murici.** 2008. Disponível em: <<http://www.alagoasnoticias.com.br/maceio/example/index.php/2008>>. Acesso em: 23 set. 2010.